

*Noivas
em
fuga*

Capítulo 1



Eis a primeira regra da amizade entre cavalheiros: Nunca, jamais se engrace com a irmã de seu melhor amigo.

Não e ponto. Nem *pense* nisso.

Não. Encoste. Um. Dedo. Sequer.

Sebastian Ives, Lorde Byrne, nunca fora homem de seguir regras.

Mas promessas? Ele as encarava com a maior seriedade. A amizade com Henry Clayton havia sido a âncora dos anos turbulentos de sua juventude, por demais valiosa para ser arriscada. Portanto, fez um pacto consigo e agarrou-se a ele resolutamente – pelo menos o melhor que pôde – por anos.

Onze anos.

Onze *longos* anos.

Mais de *quatro mil dias* lutando contra a tentação de tomar Mary Clayton em seus braços e...

Bem, os detalhes variam daí em diante.

Basta dizer que, à parte o contato casual exigido pelas convenções sociais, ele jamais encostou nela – com uma exceção. Após o funeral de Henry, a abraçou por horas enquanto ela chorava. Mas é óbvio que essa ocasião não conta.

Hoje, todavia, Sebastian se viu tentado a quebrar sua promessa. Não, “quebrar” era eufemismo. Ele queria mandar os princípios às favas, queria pisoteá-los, esmagá-los até que não restasse nada além de areia triturada sob suas botas.

Droga, a visão de Mary, tão linda em seu vestido de noiva, ocupava todos os seus pensamentos.

Não apenas ocupava, preocupava.

– Onde diabos está o seu noivo?

– Não sei ao certo – ela respondeu.

Ele andava de um lado para o outro no minúsculo anexo da capela, desviando o olhar do pescoço emoldurado por um delicado cacho avermelhado.

– Como o bastardo ousa te deixar esperando?

– O Sr. Perry não é um bastardo. É o filho legítimo de um advogado.

– Pouco me importa se ele é o Príncipe de Gales. O homem fez uma promessa a você e não está aqui para cumpri-la. Isso faz dele um bastardo. Um bastardo atrasado, ainda por cima.

– Ele não está atrasado, Sebastian – ela fez uma pausa. – Ele não vem.

– Impossível.

– É deveras possível. Na verdade, é evidente. Ele não está aqui, nem ninguém da família. – Mary soltou um suspiro derrotado. – Deve ter mudado de ideia no último minuto.

– *Mudado* de ideia? Que tipo de idiota mudaria de ideia quanto a se casar com você?

– Um que queira uma esposa diferente, eu suponho. Alguém menos opinativa, mais maleável. Você, melhor do que ninguém, sabe que posso ser difícil.

Difícil? Em se tratando de Mary, a única dificuldade que ele tinha era manter distância.

Não era difícil, entretanto, entender por que um homem mais fraco poderia achá-la intimidadora. Mary sempre fora mais esperta que Sebastian

e Henry juntos. Era forte e confiante, afinal ter perdido a mãe tão cedo não lhe deixara opção.

E ela era passional. Se acreditava em algo, defenderia seu ponto de vista com unhas e dentes, sem jamais recuar. Ela acreditava que mulheres deviam ter direito ao voto, que prisioneiros deviam receber rações melhores, que viúvas de soldados mortos em combate deviam receber pensão. E que os filhos de beberrões jamais deveriam passar o Natal sozinhos.

Um homem tinha de ser muito otário para deixar uma mulher dessas escapar.

– Já chega! – ela exclamou. – Vou procurar o pároco e avisá-lo de que o casamento foi cancelado.

– Oh, mas você não vai mesmo. Eu vou achar esse patife e trazê-lo aqui nem que seja à força.

– Não quero me casar com um homem que tem de ser arrastado até o altar. Mesmo do alto de meu orgulho ferido, acho que mereço mais do que isso.

– Claro que você merece. Sempre mereceu mais que Giles Perry para começo de conversa. Mas ele te pediu em casamento e você aceitou. E ele vai honrar o pedido, ou não me chamo Sebastian.

– Sebastian!

– Está bem – ele maneirou. – Não vou arrastá-lo até aqui. Eu o *convidarei* a honrar a promessa que fez a você.

– E se ele não aceitar o convite?

Sebastian parou subitamente e se virou para Mary, encarando-a com seus brilhantes olhos azuis.

– Então nós dois acertaremos as contas.

– Um duelo? – O coração de Mary parou por um segundo. – Oh, não. Você não se atreva.

– Oh, mas eu me atrevo, sim.

Ele a encarou com seu clássico olhar, autoritário e teimoso ao mesmo tempo. Mary já vira homens feitos sucumbirem perante aquele olhar. Não ajudava o fato de ele ter a constituição de um guerreiro viking, alto e de ombros largos, como se tivesse sido talhado em bronze. Ele transpirava rigidez. Em todas as partes.

Pelo menos, as partes externas.

– Esse olhar não funciona comigo – ela disse. – Eu te conheço bem demais.

– Não tão bem assim, Mary.

– Já te vi aninhar um pardal na palma da mão e alimentá-lo com uma caneta-tinteiro.

Sebastian jogou a cabeça para trás e soltou um gemido.

– Isso foi há um milhão de anos.

– Purê de minhocas, três vezes por hora, durante *dias*.

– Resgatar aquela coisa foi ideia do Henry, não minha.

– Mas foi você quem levou a ideia a cabo. O pobre passarinho pensava que você era a mãe dele, lembra?

Ela começou a dar leves beliscões em seu braço.

– Piu, piu, piu...

– Pare.

Mary recolheu a mão.

– Só estou querendo dizer que, se você tinha qualquer esperança de me intimidar, ela morreu naquele verão. Portanto, nem pense em duelar. Você não é o tipo de homem que mata outro a sangue frio.

– Sua honra deve ser defendida. Perry já adiou esse casamento duas vezes.

– Ele adiou o casamento uma vez – ela o corrigiu. – Da segunda vez, eu estava de luto. Não foi culpa dele.

– Não, não foi culpa dele – Sebastian concordou com um murmúrio amargo. – Foi minha.

Mary se repreendeu mentalmente. Queria não ter mencionado esse episódio.

– Você precisa parar de se culpar. Era a guerra; homens morrem. Você não foi responsável pela decisão de Henry se alistar.

– Talvez não. Mas quando ele foi morto, me tornei responsável por você.

– Eu tenho quase 28 anos. Acho que já sou bem grandinha para ser responsável por mim mesma. E posso ter sido abandonada no altar, mas não estou de coração partido. Giles e eu tínhamos um ao outro em alta estima, mas não éramos almas gêmeas. Vou sobreviver.

– Sim, mas não a sua reputação. Você sabe o que as pessoas dizem quando um longo noivado é desfeito. Vão dizer que você... bem, que vocês

dois... – Ele balançou as mãos no ar. – Me ajude aqui. Como posso dizer de um jeito respeitoso?

Mary se viu subitamente curiosa sobre os jeitos desrespeitosos de dizer. Mas isso seria assunto para outra conversa.

– Vão deduzir que antecipamos as núpcias.

– Sim – ele concordou aliviado. – Isso mesmo.

– Eu não tenho como impedir as pessoas de fofocarem.

– Será a sua ruína. Você não tem dinheiro nem conexões para abafar sequer o início de um escândalo. Se não se casar com Perry hoje, talvez nunca mais se case.

– Estou ciente disso.

Dolorosamente ciente. Ser uma solteirona não era a mais atraente das perspectivas, não só porque ela sempre sonhou em se apaixonar, construir um lar e ter filhos, mas principalmente porque, desde que Henry se fora, a modesta fortuna da família havia passado a um primo de terceiro grau. Até agora, o primo tinha sido empático e generoso, mas se ele mudasse de ideia a situação econômica de Mary rapidamente se tornaria tenebrosa.

– E quanto às suas causas políticas e todas aquelas organizações de caridade? – Sebastian perguntou. – Sei o quanto são importantes para você. Se perder sua boa reputação, perderá também sua influência.

Outro golpe, e esse a atingiu em cheio. Mary deu de ombros, tentando se mostrar indiferente.

– Pode ser que eu tenha de abrir mão da minha condição de integrante na Sociedade de Damas pela Justiça Social, mas tudo bem, as reuniões eram mesmo um tédio.

– Eu cuido disso – garantiu Sebastian. – Assim que estiver sob a mira da minha pistola, ele vai reconsiderar. Não se preocupe.

Não se *preocupe*? A única emoção que ela conseguia sentir era preocupação. As chances de Giles matar Sebastian em um duelo eram ínfimas, mas não eram inexistentes.

– Sebastian, não permitirei que arrisque sua vida por mim. Não por isso.

– Eu *daria* a minha vida por você. Sem nem pensar duas vezes.

Minha nossa! Finalmente ela ficou sem resposta. Ele tirou o seu fôlego. Mary já havia perdido o pai e depois o único irmão, não suportaria perder Sebastian também.

– Escute aqui, não me casarei com Giles. Jamais. Mesmo se você o encontrasse e o obrigasse a pedir clemência sob a mira de sua arma e o trouxesse a esta capela dentro de 15 minutos, ainda assim eu me recusaria. E agora? Você também vai me ameaçar com a pistola?

– Claro que não – ele resmungou. – Não posso te forçar a se casar com ele.

– Ótimo. Está resolvido, então. Uma solteirona é o que hei de ser. – Ela ajustou a postura. – Agora se me der licença, preciso explicar ao pároco.

Sebastian a segurou pelo braço.

– Não, não dou licença. Você não vai explicar nada ao pároco, e tampouco será uma solteirona. Você vai se casar comigo.

Capítulo 2



Sebastian não esperava que Mary aceitasse bem sua proposta. E ele estava certo.

– O quê? – ela guinchou.

– Você precisa se casar com alguém e, se não vai se casar com Perry, vai se casar comigo. É o único jeito.

– Não é, não. – Ela franziu o cenho.

– É o único jeito que eu permito. Sei o quanto seu dote é pequeno. Você não será solteirona e pobretona se eu puder evitar. E eu posso.

– Se é com dinheiro que está preocupado, você poderia muito bem me conceder algumas libras. Decerto não lhe fariam nenhuma falta.

– E torná-la um alvo para caçadores de fortuna inescrupulosos? Nem por cima do meu cadáver!

– Meu Deus! Que péssima opinião sobre a minha capacidade de escolher pretendentes.

Sebastian deu um passo para trás e começou a procurar pelo cômodo de maneira exagerada.

– Não encontro em lugar algum o último homem que você escolheu para se casar.

Ao vê-la se retrair, se arrependeu de seu tom áspero. Não queria magoá-la. Mary merecia ser cortejada por uma legião de homens e venerada pelo sortudo que fosse por ela escolhido. O mundo em que viviam, no entanto, não era justo. Aquele maldito Perry seguiria levando uma boa vida e Mary pagaria o preço – com suas perspectivas, sua reputação, seus amigos e sua influência.

– Eu sei que está encarando tudo isso como um problema que você tem de resolver – ela suspirou – agora que Henry se foi. Mas meu irmão também queria o melhor para você e não gostaria de te ver jogando seu futuro fora em um ato errôneo de lealdade.

– Minha lealdade não é errônea. De fato, não poderia ser *mais* certa. Eu não estou comprometido com ninguém – ele prosseguiu, querendo evitar a doçura nos olhos dela. – Quanto à sugestão de que eu estaria jogando fora meu futuro, nem sequer a dignificarei com uma resposta.

– Eu não estou desamparada, Sebastian.

– Sei que não está. Mas esta é a melhor solução. Ninguém a culpará. Isso é exatamente o que a sociedade espera de mim: raptar uma noiva do altar. Eu sou um canalha sem vergonha.

– Não, você não é.

– E você será uma lady – ele prosseguiu, recusando-se a dar ouvidos àquele argumento. – E eu sempre soube que mais cedo ou mais tarde precisaria de uma esposa.

– Mas... eu sou muito velha – ela desabafou.

– Você não é velha.

– Sou mais velha que você.

– Dois anos.

– Quase três. Todo mundo quer uma noiva mais nova.

– Eu não sou todo mundo.

– Sim – ela concordou com um suspiro –, já notei.

Bem, ele já tinha feito muito mais do que apenas notar Mary. Ela havia atraído sua atenção desde o primeiro momento em que a vira, e justamente porque era *mais velha*. Era mais espirituosa e interessante do que as garotas de sua idade. Para não mencionar sua figura feminina que tinha sido uma fonte de tentação e tormento. Quanto a esse assunto...

– Só tem um detalhe de que você precisa saber... – ele começou. – Eu sou um lorde, ainda que desgraçado. A propriedade da família ainda está

vinculada ao regime de morgadio¹... – ele fez uma pausa. – O que significa que preciso de um filho, um varão. E, para isso, nós teremos de... – Mais uma vez ele tentava achar o termo adequado.

– Dividir a cama.

– Você sabe o que isso significa?

Sebastian desconfiava que alguém já teria contado a ela sobre essas coisas, mas queria estar absolutamente convicto de que ela sabia exatamente no que estava se metendo. Para ele, é claro, as obrigações carnis de modo algum seriam obrigações. Não era a primeira vez que fantasiava em fazer amor com Mary.

Quem ele queria enganar? Tinha imaginado essa cena centenas de vezes. Até já *sonhara* com ela muito tempo depois que tinha deixado de sonhar com o que quer que fosse.

– Eu sei o que significa dividir a cama no matrimônio – ela admitiu com a mais pura inocência. – O marido beija a esposa na boca e ela engravida.

Sebastian ficou sem ação, silenciosamente entrando em pânico. Mary começou a gargalhar.

– Eu sei como as relações carnis funcionam, Sebastian. Mesmo que nunca as tenha experimentado.

Graças a Deus.

– Então você está ciente de que para conceber uma criança, nós teremos de... fazer aquilo. Pelo menos uma vez. Possivelmente várias vezes. E, mesmo assim, a criança pode ser uma menina. Nesse caso, teremos que começar tudo de novo. Mas, eu prometo, não faremos mais do que o necessário e somente quando você estiver pronta.

– Você está se adiantando – ela balançou a cabeça. – Está colocando a carruagem na frente dos cavalos. Neste exato momento, tenho de anunciar que *este* casamento não vai acontecer. Após um intervalo apropriado, pelo menos alguns meses, podemos retomar essa discussão. Se você não tiver desistido dessa ideia e se eu concordar, então podemos anunciar o noivado. Quem sabe até um casamento para outubro.

– Inaceitável.

– Então para o Natal.

– Nem pensar. – Agora que tinha conseguido convencê-la, não daria meses para que ela pudesse mudar de ideia. – Nós vamos nos casar hoje!

– Hoje? – Mary repetiu. Ele havia passado o ponto da determinação, já beirando o da loucura.

Sebastian percorreu a sacristia, recolhendo seus pertences. Flores, véu, xale.

– Presumo que seus baús já estejam prontos.

– Estão lá fora, na carruagem que Giles alugou. Partiríamos para a lua de mel logo após a cerimônia.

Ainda bem que planejaram apenas uma pequena cerimônia religiosa, sem café da manhã de casamento. Pelo menos não haveria muitas testemunhas da humilhação de Mary.

– Então está resolvido. E você já está usando um vestido.

– *Não podemos* nos casar hoje – ela declarou, lembrando que era filha de um advogado e possuía mais do que somente familiaridade com a lei. – Não temos uma licença, e os proclames não foram lidos. Simplesmente não é possível. *Aí está!*

Sebastian parou e considerou o que ouviu.

– Tem razão. Precisaremos de uma licença especial, o que significa que iremos a Canterbury e nos casaremos por lá.

– Oh, céus! Você perdeu a cabeça. Só pode ser.

– Meus pais estão mortos, assim como os seus. E agora Henry também. Não temos familiares para comparecer à cerimônia. Nem para se opor.

– *Eu me oponho!* – ela exclamou de braços abertos. – Aqui estou, diante de você. Em oposição.

– Você não está se opondo com base em fundamentos sensatos. Só está sendo do contra.

– E você está agindo no calor da hora.

– Não estou agindo no calor da hora. Estou acostumado a tomar decisões apressadas, por vezes implacáveis. Caso contrário, minha propriedade teria ido à falência anos atrás. Mas nunca tive motivos para me arrepender de seguir meus instintos.

– Ainda – ela disse, arqueando a sobrancelha.

Ele pegou a mão de Mary e a guiou pela porta da sacristia, conduzindo-a apressado à carruagem que esperava do lado de fora.

– Eu tenho uma propriedade no litoral. Um chalé simples, mas muito bem localizado nos penhascos próximos a Ramsgate, a algumas horas

somente de Canterbury. É o lugar ideal para passar uma semana ou duas longe de Londres e evitar fofoca.

Fofoca. Minha nossa, e como haveria fofoca.

Bem, já que fofocariam sobre ela, Mary decerto preferia que fosse por ter sido raptada por um cafajeste sensual e sem princípios do que por ter sido abandonada no altar por um filhinho de papai de um advogado. Apaixonado era melhor do que apático.

– Se partirmos agora – Sebastian continuou –, chegaremos ao chalé ao cair da noite. Eu vim para cá com Shadow, então cavalgarei com ele até lá. Mas estarei bem ao lado da carruagem durante todo o percurso.

Sebastian a ajudou a entrar na carruagem, então conferenciou brevemente com o cocheiro, pagando-lhe uma bela propina, Mary supôs. Ele nunca fora de titubear, mas nunca o tinha visto tão decidido. Não desde que anunciara que havia comprado uma patente de tenente e iria para a guerra.

– Sebastian, espere. – Ela escancarou a porta da carruagem.

Ele se virou com relutância.

– E quanto ao amor? – ela lhe perguntou baixinho. – Você não quer se casar por amor?

– Prefiro me casar com alguém em quem confio.

– Amor e confiança andam de mãos dadas.

– Nunca andaram na minha família.

Mary sentiu um aperto no coração quando ele disse isso. A primeira vez que ele tinha vindo para casa com Henry depois da escola, estava tão desconfiado e retraído... Envergando uma armadura invisível tão pesada que quase fazia barulho quando ele andava.

Com o passar dos anos, foi ficando cada vez mais à vontade em sua casa, revelando mais e mais de si mesmo. Baixando a guarda.

Mas depois da guerra – depois da morte de Henry – tudo mudou. Ele se fechou novamente em sua fortaleza e ela não sabia como alcançá-lo. E temia que ele nunca mais deixasse alguém se aproximar o bastante para tentar.

– Você tem sido tão bondoso comigo. E eu sou tão grata, mais do que imagina. Mas não precisa fazer isso. Talvez eu descubra que gosto de ser uma solteirona ou, quem sabe, posso encontrar alguém que goste de mim o bastante para me desposar apesar do escândalo.

– Você já encontrou, Mary. Está olhando para ele.

No silêncio que se seguiu a estas últimas palavras, ambos estavam completamente imóveis.

– Se você pensa que estou sendo altruísta, posso garantir que não estou. Não fui capaz de manter Henry vivo, e esse fracasso vai me assombrar até o dia em que eu morrer. Você *precisa* me deixar te proteger, ou não saberei como conviver com minha consciência. Terá meu título e minha riqueza à sua disposição. No papel de uma lady abastada, poderá se dedicar a qualquer causa que desejar. Com exceção de me dar um herdeiro, não terá de me dar satisfação alguma de sua vida. Deixe-me protegê-la. É tudo o que eu peço.

Como poderia dizer não? Mary vasculhou todos os compartimentos de sua mente à procura de uma última objeção, mas voltou de mãos vazias. Não completamente vazias, pois a mão de Sebastian estava sobre a sua. Se o desposasse, nunca mais estaria sozinha. E ele também não.

Por Deus... Ela realmente estava prestes a se tornar Mary Ives, Lady Byrne.

Apertou suavemente a mão dele antes de soltá-la.

– Tenha cuidado na estrada.

Não foi exatamente o casamento que Mary esperava.

Não, foi muito mais grandioso. E muito mais romântico.

Mesmo considerando a fuga apressada, a falta de convidados e o vestido de noiva todo amarrotado da viagem, o cenário era inegavelmente encantador. A beleza altiva da catedral, a solenidade do sacerdote em suas vestes, a fumaça perfumada do incenso. Os últimos raios de sol se infiltravam pelos vitrais coloridos, derramando-se pelo chão e tingindo-o em tons de azul e vermelho.

Era uma cena mágica, atemporal.

E ela tinha o mais bonito dos noivos. Sebastian nunca esteve tão lindo. Ele combinava perfeitamente com o cenário medieval, tal qual um cavaleiro em uma armadura invisível, pronto para partir em uma jornada impossível. Mary não tinha certeza de seu papel nessa história... seria a donzela que ele queria conquistar, ou teria seu noivado desfeito o dragão que ele tinha de matar? Sua mandíbula contraída não dava pistas.

Assim que o sacerdote iniciou a cerimônia, as palavras ecoaram sobre ela em um murmúrio. A parte de Sebastian veio primeiro e ele quase

atropelou as palavras do padre com seu decidido “Aceito”. Sem hesitar.

Então o sacerdote se virou para ela:

– Mary Elizabeth Clayton, você aceita este homem por seu legítimo esposo, para viver com ele sob a divina ordenação do Senhor na sagrada instituição do matrimônio?

Ela concordou. Até ali, tudo soava aceitável.

– Promete ser-lhe obediente...

Ah, não!

– ...e submissa...

Ela se arrepiou.

– ...amá-lo, honrá-lo, respeitá-lo, ampará-lo na saúde e na doença, e, renunciando a todos os outros, guardar-te apenas para ele, enquanto ambos viverem? Se promete, diga “Aceito”.

Mary hesitou.

– Se promete – o sacerdote repetiu, enfatizando as palavras –, responda “Aceito”.

Mas ela não era capaz de verbalizar. Não ainda.

– Eu não tenho que fazer isso, sabe – ela dirigiu-se diretamente a Sebastian. – Eu tenho escolha.

– Que escolha? Tornar-se uma solteirona arruinada vivendo às custas de uma renda minguada?

– Não seria tão ruim quanto você faz parecer. Pelo menos, eu seria livre para fazer o que bem entendesse.

– Mary – Sebastian replicou em voz baixa –, aqui não é hora nem lugar para discutir.

– Não estou discutindo. Será que você pode me ouvir por um minuto?

– Não vejo sentido em levar essa conversa adiante.

– Bem, eu vejo – ela o afrontou. – Quando tenho algo a dizer, gosto de ser ouvida. Especialmente pelo homem que será meu marido.

– De jeito nenhum vou levá-la de volta para...

– Hum, hum – pigarreou o sacerdote, aborrecido. – Podemos retomar a cerimônia?

– Eu estou financiando uma nova capela – Sebastian rebateu. – Você pode esperar até que minha noiva e eu terminemos de deliberar.

Mary achou a atitude protetora e rabugenta estranhamente amável, ainda mais considerando que vinha sob a ameaça de condenação divina.

– Estou fazendo uma escolha, Sebastian. Isso significa que estou levando a sério tudo o que estou dizendo. Quando fizer esses votos, será por minha livre e espontânea vontade. Eu estou escolhendo *você*.

Um observador desavisado jamais perceberia, mas Mary sabia que suas palavras tiveram um impacto profundo. A tensão se esvaiu dos ombros dele, e em seus olhos, subitamente, viu uma centelha de doçura.

Por um momento, ao menos, o guerreiro havia baixado o escudo. Ela se dirigiu ao padre.

– Estou pronta agora.

– Então diga “Aceito”.

Olhando no fundo dos olhos de seu noivo, ela disse:

– Eu aceito.

O restante da cerimônia foi breve, em parte porque não havia alianças. Sebastian não tinha sequer um anel gravado com o brasão de sua propriedade. Jamais havia usado nada que pertencera ao pai, muito menos algo assim.

Eles trocaram votos e fizeram uma ou duas orações e, antes que Mary se desse conta, a cerimônia tinha chegado ao fim.

– Eu vos declaro marido e mulher.

Pronto. Estavam casados.

Sebastian inclinou-se como se fosse beijá-la, mas então pareceu mudar de ideia. Ela teria suspeitado que ele havia perdido a coragem, se não soubesse que Sebastian era constituído de pura coragem para começo de conversa.

Em vez de beijá-la, ele roçou os lábios em sua bochecha e então sua têmpora na dela. Um gesto de ternura de certa forma mais íntimo que um beijo.

– Eu vou cuidar de você – ele sussurrou. – Para sempre.

– Sei que vai – ela sussurrou de volta.

Mary não tinha a menor sombra de dúvida de que Sebastian a proveria até mesmo na mais ínfima de suas necessidades e que a protegeria com a própria vida. Mas ele decerto cairia do cavalo se achasse que ela não pretendia fazer o mesmo.

Sebastian precisava de compreensão, acolhimento, família e amor – e ela também precisava de tudo isso.

Este enlace não seria um arranjo prático, tampouco uma medida para que ele ficasse em paz com a própria consciência.

Seria um casamento.

E este casamento começaria naquela noite.

Capítulo 3



À hora que partiram de Canterbury, o crepúsculo engolia a luz do dia e nuvens de tempestade se avolumavam no horizonte. O cocheiro não gostou nem um pouco quando Sebastian lhe disse que viajariam a Ramsgate mesmo com o tempo ruim, mas algumas moedas resultaram em uma significativa melhora em seu humor.

Na metade da jornada, tanto a chuva quanto a noite caíram. Então o cavalo de Sebastian perdeu uma ferradura, reduzindo o progresso a uma caminhada. Quando finalmente chegaram ao chalé, as janelas estavam escuras. Ninguém saiu para recebê-los. Horário do campo, ele ponderou. Talvez as pessoas se deitassem com o pôr do sol por aqui.

Sebastian desmontou de Shadow e conduziu a montaria cansada ao estábulo – que tinha a aparência e o cheiro de que não era usado há anos. Felizmente, o cavalo fora alimentado e hidratado em Canterbury. Qualquer feno disponível no celeiro decerto estaria apodrecido.

Após cuidar de seu cavalo, Sebastian bateu na porta da frente do chalé. Ninguém respondeu.

Naturalmente, ele tinha a chave do lugar, só não a carregava consigo. Ela estava em um cofre embaixo da escrivaninha em sua casa em Londres.

E, quando saíra de lá esta manhã, não tinha outra expectativa além de ferver silenciosamente de raiva enquanto assistia Mary se casar com outro homem. Jamais poderia imaginar que à noite estaria postado diante desse chalé de pedra na costa de Kent, casado ele mesmo com Mary.

Quando outra rodada de batidas não teve resposta, ele chacoalhou a porta para avaliar a força do ferrolho. Já estava meio solto, fato que o teria enfurecido fossem as circunstâncias diferentes. Esta noite, no entanto, este exemplo particular de casario desleixado era uma bênção. Um chute rápido e o ferrolho cedeu.

Isto resolvido, ele disparou de volta para a carruagem. Primeiro precisava desamarrar e descarregar todos os baús de Mary antes que ficassem totalmente ensopados. Após levar a bagagem para dentro do chalé, correu de volta para a carruagem.

– Coloque suas mãos em volta do meu pescoço! – ele gritou em meio à chuva. – Vou te carregar.

– Posso andar.

Sebastian não tinha tempo para isso. Ele a pegou no colo e a retirou da carruagem sem mais delongas e, aninhando-a contra o peito, carregou-a para o chalé.

– Você não precisava ter feito isso – ela protestou assim que foi colocada no chão.

– O chão estava muito molhado e enlameado.

Ela deu um sorriso irônico.

– Tudo bem se sujar a barra do meu vestido. Não tenho planos de usá-lo novamente.

– É nossa noite de núpcias – ele respondeu. – Na noite de núpcias, o noivo carrega a noiva no colo pelo limiar da porta. Considerando como tudo foi feito às pressas e no improviso, e que nem ao menos uma aliança eu tinha para lhe dar, achei que pelo menos uma coisa eu poderia fazer bem feita.

– Sebastian! Isso é absurdamente meigo.

Meigo? Foi isso mesmo que ela disse? Minha nossa...

Lá fora, o cocheiro atçou as rédeas e partiu noite afora.

Sebastian recolocou a porta no lugar e encostou uma cadeira para mantê-la fechada. Mary achou um fósforo e o utilizou para acender uma vela, permitindo que eles tivessem uma visão apropriada do chalé. Então

xingou. O lugar estava caindo aos pedaços. Já vira galinheiros em condições mais habitáveis.

– Há quanto tempo você não visita este lugar? – Mary perguntou.

– Anos. Mas teoricamente era para ter um caseiro vivendo aqui com a esposa. Pelo menos, estou pagando o salário de um caseiro. Não esperava que o lugar estivesse um brinco, mas isso?

Ele bateu em uma teia de aranha.

– Pelo menos não estamos na chuva.

Exceto pelo fato de que eles não estavam verdadeiramente livres da chuva.

Quando Sebastian reparou na goteira no telhado de palha, uma gota gelada lhe acertou bem em cheio no olho. Poucas horas antes, postara-se perante um homem de Deus e jurara proteger Mary enquanto ambos vivessem. Tinha começado de um jeito nada promissor.

– Vamos para uma pousada – declarou.

– Como? O cocheiro já partiu. Shadow perdeu uma ferradura. E não me lembro de ter visto nenhuma pousada quando passamos pela vila.

– Bem, aqui não podemos ficar.

– São só algumas goteiras, um pouco de poeira e uma porção de teias de aranha. – Ela deu uma conferida ao redor do lugar, iluminando com a vela.

– Este cômodo ao lado da cozinha não foi tão negligenciado. Pelo menos, está seco. E tem uma cama. Tenho lençóis limpinhos e uma colcha nos meus baús. São parte do meu enxoval.

Ele passou a mão pelos cabelos molhados.

– Permita-me ao menos ir até a vila para arranjar algo para comermos.

– Oh, mas você não vai mesmo. Não vou ficar sozinha aqui neste lugar.

– Ela pegou uma grande cesta que ele havia trazido da carruagem e a colocou sobre a mesa da cozinha. – A irmã de Giles disse que nos prepararia um agradinho. Bem, não para *nós*... ah, você entendeu.

Sim, Sebastian tinha entendido. E odiou imaginar que, se ela tivesse desposado aquele pedante, agora estaria aquecida, seca e alimentada. Mary abriu a cesta:

– Temos uma garrafa de vinho. Começamos bem. E... – Ela abriu um pacotinho enrolado em papel pardo. – Bolo!

Sebastian olhou para aquilo. Não era apenas bolo. Era bolo de *casamento*.

De repente, perdera a fome.

Mary partiu um pedaço do bolo e deu uma mordida generosa.

– Sobreviveremos até de manhã – disse de boca cheia. – Ficaremos bem.

Não que eles tivessem muita escolha.

– Tem certeza de que não quer um pedaço? – Ela deu outra mordida no bolo e depois lambeu os dedos. – Está gostoso.

Sebastian recusou dizendo:

– Vou acender o fogo; você arruma a cama.

Enquanto ela desafivelava as tiras do baú, Sebastian tirou o casaco e arregaçou as mangas até os cotovelos. Vasculhou a cozinha atrás de lenha e achou uma quantidade irrisória de toras. Nem de longe o suficiente para manter uma chama acesa a noite inteira.

Aventurou-se mais uma vez na chuva e deu a volta ao redor do chalé até achar uma pilha ínfima em um abrigo caindo aos pedaços. As toras no topo da pilha estavam encharcadas, boa parte do restante estava apodrecida. Quando colocasse as mãos no caseiro, faria o sujeito pagar por deixar sua propriedade em tal estado de negligência.

Procurou algumas das toras mais secas da pilha e pegou o machado para parti-las. Firmou os pés na lama e desferiu seu melhor golpe, mas, na hora de levantar a lâmina, o cabo se partiu bem na sua mão. Sebastian cambaleou para trás e caiu sentado.

Maravilha! Agora estava ensopado de chuva e coberto de lama. Carregou uma braçada de toras não cortadas para o chalé e, postado na entrada, chacoalhou-se tal qual um cachorro, lançando respingos de lama em todas as direções e arrancou as botas antes de se agachar para acender o fogo.

Deu um pouquinho de trabalho, mas, enfim, conseguiu acender uma chama respeitável. Um calor gostoso logo se espalhou pela cozinha; se deixassem a porta aberta, bastaria para aquecer o outro cômodo também.

– A cama está pronta – ouviu Mary dizer às suas costas.

Sebastian acrescentou mais algumas toras ao fogo, colocou-se de pé e se virou.

Senhor amado!

Mary estava diante dele, vestindo um mero robe de renda branco-neve. Ele não conseguia nem falar. O gato não tinha comido só a sua língua, mas

toda e qualquer outra parte de seu corpo que não fosse olhos, coração, sangue e um pau duro.

Onze anos, quatro mil dias. Em quantos desses quatro mil dias ele a imaginara nua? Mais do que jamais admitiria. E ali estava ela, diante de si, vestindo o equivalente em seda dos trajes de Eva, apenas raminho e uma folha de figueira.

Mais bonita do que em seus mais loucos devaneios.

Mary havia soltado os cabelos e escovado os cachos castanho-avermelhados que agora cascateavam sobre seus ombros. Seus lábios estavam rubros do vinho.

E seus mamilos eram de um cor-de-rosa intenso. Sempre imaginara que seriam rosados. E que teriam o sabor de tortinhas de creme, o que só agora ele percebia que era bizarramente específico.

– O que... – ele finalmente conseguiu gaguejar – ...é isso?

– É... uma camisola.

– É uma teia de aranha. Tem mais buraco que tecido! Você já está tremendo.

Para não mencionar os mamilos rosados mais duros que dardos.

– Você não tem nada mais simples e prático para vestir?

Mary envolveu os braços em torno de si mesma.

– São todas assim...

Claro que eram todas assim. Ela se preparara para uma lua de mel. Com outro homem.

Ele era um monstro. Ela devia estar com frio, exausta e tomada por emoções conflitantes. Mesmo que seu coração não estivesse partido, seu orgulho estava ferido. E, considerando aquele robe, ela devia ter criado expectativas pela noite de núpcias com Perry. Em vez disso, ali estava ela em um buraco infestado e caindo aos pedaços. Com ele. Que ainda por cima estava pegando no pé dela por conta de seus trajes de dormir.

Mas você está mesmo de parabéns, Sebastian.

Mary cruzou a sala e foi até ele.

– Agora, anda! Tire já essas roupas.

Ela puxou a bainha da camisa de Sebastian para fora da calça.

– *Mary!* – Ele deu um passo para trás. – Eu não... Nós não... Hoje não.

Ela inclinou a cabeça e o encarou.

– Você está molhado até a alma e todo melecado de lama. Não estou sendo fogaosa ou assanhada, estou apenas protegendo meus bordados. Trabalhei duro nessa roupa de cama, como você bem sabe. Portanto, tire suas roupas e deixe-as junto ao fogo para secar.

– Eu vou dormir no chão.

– Não seja ridículo. Não vou deixar você dormir no chão.

– Não tem nada de mais. Dormi em condições muito piores quando estava em campanha.

– Aqui não é o exército, Sebastian. Temos uma cama em perfeitas condições.

– Exatamente. Cama, no singular. Não camas.

– Nós *somos* marido e mulher – ela provocou. – Foi o que o padre disse. *Mulher*. Ela era sua *mulher*.

– Sei que sua intenção era cuidar de mim, mas agora que estamos casados, também vou cuidar de você. E você não vai dormir no chão. – Ela o puxou pelo pulso. – Além disso está frio e eu não quero ficar sozinha.

Muito bem. Agora ela o pegou. E, com aquela camisola, pegou de jeito. Ele estava duro como granito... Seria uma noite muito, muito longa.

– Vá para a cama, eu já vou – ele cedeu, enfim. – Deite-se do lado mais perto da cozinha; estará mais quente.

Sebastian esperou até ouvir Mary deslizar para baixo da colcha para só então livrar-se apressadamente das roupas molhadas, jogando-as sobre uma cadeira perto do fogo. Conforme esgueirou-se para o quarto, procurou ficar às sombras. Não por vergonha, mas para não deixá-la alarmada. Ele era um sujeito um tanto quanto bem constituído, em todos os sentidos. Mulheres experientes pareciam gostar bastante de seu corpo, mas não tinha ideia de como uma virgem reagiria.

Deitou-se ao lado dela, cruzou os braços e fechou os olhos. Mary aninhou-se junto dele. Sebastian afastou-se e ela se aconchegou a ele mais uma vez.

– Me abrace. Você está tão quente, e eu não consigo parar de tremer.

Com um suspiro pesado, ele passou um braço ao redor dos ombros de Mary, tomando cuidado para manter seus corpos afastados da cintura para baixo.

– Não quero te esmagar.

– Como poderia me esmagar? Você está do meu lado. Não em cima de mim.

Ele soltou um gemido. *Pare de me dar ideias.*

– Você está recuando de novo – ela acusou. – Por acaso sou tão detestável assim?

– Longe disso.

– Qual é o problema então?

Muito bem. Não diga que você não pediu.

Ele rolou de lado, para ficar de frente para Mary, puxou-a para junto de si e projetou sua ereção contra a barriga dela.

– Pronto. Espero que isso responda à sua questão.

– Oh... – ela engoliu em seco. – Você estava querendo...

– Dedicar-me a edificantes atividades comunicativas? Não! – ele a soltou. – De jeito nenhum.

– Você também não precisa ser tão fervoroso.

– O corpo de um homem tem vontade própria. Especialmente quando o homem em questão está na cama, nu, ao lado de uma bela mulher. Uma mulher trajando nada mais que um fio de renda, que não para de roçar seu corpo no dele – Ele deu um suspiro pesado. – Mas não quero que fique ansiosa. Vamos esperar até que você esteja pronta. Ainda que isso signifique semanas, meses, até mesmo anos. Não vou te apressar.

Mary permaneceu em silêncio por um momento, então desatou a rir.

– O quê?

– Você não quer me apressar? – A cama chacoalhou com a vibração da risada. – Logo o homem que me sequestrou de manhã, casou-se comigo de tarde e me instalou nesse chalé remoto à beira-mar à noite. Mas você não quer me apressar. Oh, Sebastian. Assim também já é demais.

Ele não sabia o que dizer.

– Mas que cenho franzido é esse? – Ela alisou a pele entre as sobrancelhas dele. – Não fique tão carrancudo. Estou só te provocando. Mas talvez você não esteja preparado para ser provocado. Não vou te apressar.

Sem pensar, ele levou a mão aos cabelos dela e os acariciou. Mary aconchegou-se em seu peito.

– Eu me preocupei tanto contigo ano passado. Você é teimoso demais para admitir, mas sei que estava magoado. Seja por causa de Henry ou da

guerra ou por algum motivo que não sei... Mas mesmo quando estávamos no mesmo cômodo, você parecia tão fora de alcance.

Sebastian não sabia como responder. Era verdade que estava de luto. Não só por Henry, mas por tantos de seus irmãos de armas. No entanto, não sabia como trazer o assunto à tona e não podia lamentar-se com Mary, que perdera o único irmão. Depois que os pais faleceram, Henry era a única família que lhe restava. Ela estava sozinha.

Ou melhor, *estivera* sozinha. Agora ela estava com ele.

– Vamos dormir – disse-lhe enfim. – Ao raiar do dia, vou te tirar desse lugar miserável.

Mary ergueu levemente a cabeça para olhar para ele.

– Beijo de boa-noite?

Sebastian hesitou.

– É nossa noite de núpcias. Creio que nos devemos, no mínimo, um beijo. Nem que seja apenas para honrar a tradição.

– Está bem – ele encostou os lábios nos dela, dando um beijo puro e casto.

Mas então o diabo tomou conta de seu corpo e o beijo pegou fogo.

A princípio sentiu a doçura amanteigada do bolo. Aquele maldito bolo de casamento que deveria ser compartilhado com outro homem. Ele teve ganas de roubar aquele gosto de sua boca e reduzi-lo a cinzas. Passou a língua pelos lábios dela, explorando, demandando. Deslizou a mão até sua nuca e mergulhou os dedos nos cabelos, inclinando a cabeça de Mary para aprofundar o beijo.

Ela pressionou seu corpo no dele e aquela maravilhosa maciez fez toda a pele dele se enrijecer e seu sangue latejar.

Sebastian sentia a chama do desejo se alastrando como um incêndio. Natural. Selvagem. Descontrolada.

Era para ser um beijo de boa-noite. Um roçar terno de lábios antes de serem embalados pelo sono. Em vez disso, todas as suas fantasias foram despertadas e estavam acordando após tanto tempo enterradas. Rugindo ao serem reavivadas com uma ferocidade que o assustava.

Ele ansiava por explorar cada parte dela com as mãos. Aninhar seus seios em suas palmas, correr seus dedos em seu doce e sensual decote. Queria ela embaixo de seu corpo. De pernas abertas para ele. Pressionada

contra a parede. Inclinada sobre a mesa, com toda aquela renda levantada até sua cintura.

Queria ouvi-la gritando seu nome, segurando-o com força. Queria adormecer com seu corpo enroscado no dela, e acordar com Mary em seus braços.

Queria tudo que ela tinha para lhe dar e mais.

Mary, Mary.

Um estrondo metálico sobressaltou a ambos. O beijo se desfez, mas ele manteve Mary junto a si. Duas silhuetas humanas postaram-se no vão da porta entre a cozinha e o outro cômodo.

– Seja lá quem for – anunciou uma voz ameaçadora – melhor preparar-se para morrer!

*image
not
available*

– Pelo estado desse chalé, vejo bem que não sabiam. Não que isso seja uma desculpa. Imaginem meu desprazer ao trazer minha noiva para uma lua de mel à beira-mar apenas para encontrar o lugar em completa desordem. Vocês deveriam manter a casa sempre em prontidão. Em vez disso, nos deparamos com um lugar imundo e precisando de reparos.

– Nós *num tava se* sentindo bem.

– Oh, eu vou lhe mostrar o que é não se sentir bem.

Mary decidiu interferir, pousando gentilmente a mão no braço do marido.

– Sebastian.

Foi o que bastou; ele diminuiu o tom imediatamente ao gesticular para a porta:

– Deem o fora, vocês dois!

– Sim, senhor. A gente *tá* na cozinha, então.

– Vocês ficarão no celeiro. Amanhã discutiremos a questão de seus empregos... Ou a falta dele.

Assim que o casal se retirou, Mary e Sebastian voltaram para a cama.

Ele a virou para ficarem de conchinha, ela com as costas aninhadas em seu peito, mantendo-a aquecida e segura. Mary foi sentindo as pálpebras ficando pesadas. Minha nossa, que dia. Parecia impossível assimilar tudo aquilo. Um fora, uma fuga, uma lua de mel em um chalé decrepito. E um beijo... selvagem e apaixonado. Se um único beijo era capaz de criar um redemoinho de sensações, ela mal podia imaginar como seria fazer amor com ele. Aquele beijo foi um presságio do que seria a lua de mel, ela pensou. Se ao menos não tivessem sido interrompidos. Mary mordeu os lábios, tentando não rir, mas no fim não conseguiu evitar. Começou a gargalhar.

– O que foi?

– O rolo de massa, a aritmética. Tudo.

– Não é divertido.

– Pelo contrário. É divertidíssimo. Eu nunca fui chamada de consorte do capeta antes. Amanhã você vai rir de tudo isso.

– Duvido.

– Que seja. Talvez você ria disso ano que vem.

Ou quem sabe na década seguinte.

– Vá dormir – Sebastian resmungou.

*image
not
available*

O caseiro e a esposa acordaram atabalhoados, tossindo e cuspiendo.

– Vocês verão que não sou uma senhora fácil de agradar – Mary disse –, mas, no momento, sou sua melhor amiga. E se nutrem a mais ínfima esperança de manter seus postos, é melhor se levantarem já e prepararem o lombo para trabalho pesado. Entenderam?

– Sim, *milady* – anuiu o caseiro ainda tentando se levantar.

– Ótimo! – Ela jogou o balde aos pés do caseiro. – Podem começar pegando mais água do poço e trazendo para a cozinha. Fanny, providencie vassouras, retalhos, sabão e um pouco de vinagre.

Fanny aquiesceu.

– Este chalé, ou a maior parte dele, *estará* apresentável quando milorde retornar – Mary arqueou as sobrancelhas: – Ou preparem-se para enfrentar a ira da consorte do capeta.

Dentro de uma hora, eles tinham varrido o piso da cozinha e removido as teias de aranha dos cantos. Mary limpou as janelas com vinagre e uma gota de óleo de limão. Dick trouxe ovos do galinheiro e Fanny trouxe pão, um pedaço de bacon e um pouco de manteiga. No armário, Mary achou um pote de conserva e uma caixa de chá trancada com um cadeado. Quebrou o cadeado enferrujado com uma faca e foi recompensada com um pequeno montante de chá ainda utilizável, embora com aspecto velho.

Assim que tinha a chaleira fervendo, ovos e bacon fritos e pão fatiado para torrar, seu cabelo começou a se soltar e gotículas de transpiração se acumulavam em sua frente. Queria lavar o rosto e se arrumar antes que Sebastian retornasse, mas não teve tempo. O galope dos cascos recém-ferrados de Shadow avisou-a de que seu marido já estava de volta.

Mary afofou o cabelo, desamarrou rapidamente o avental e o deixou de lado. No último segundo, ajustou o buquê de flores silvestres que colhera mais cedo num capricho e o enfiou em um vaso de porcelana.

Assim que Sebastian atravessou a porta, ela entrelaçou as mãos tentando não parecer tão ansiosa quanto se sentia por dentro. Que tolice estar tão nervosa, mas talvez fosse natural. Afinal, era a sua primeira manhã como mulher casada e ela se surpreendeu desejosa da aprovação do marido. Quem sabe ele ficaria impressionado com tudo o que ela conseguira arrumar em somente algumas horas e então abraçaria a ideia de felicidade doméstica.

*image
not
available*

Capítulo 6



Sebastian a seguiu escadas acima, sentindo-se estranhamente alerta. Que tipo de surpresa ela teria em mente?

– Encontrei no sótão – ela tagarelava enquanto se dirigiam ao quarto – Já deve ter séculos. Nós a encontramos em meio a um monte de trapos e Dick a trouxe para esse aposento. É o maior. – Mary o guiou até o quarto no final do corredor e fez um gesto de demonstração em direção a um dos cantos: – Viu? É uma cama!

Sebastian pestanejou diante do amontoado de toras.

– Isso não é uma cama, é lenha.

– É uma cama desmontada. E creio que você teria um bom trabalho para queimá-la. É mais pesada que tijolos – ela ergueu a extremidade de uma tábua – Nem sei que tipo de madeira é essa.

– Também não tenho certeza – ele passou os dedos pela superfície, examinando o lenho. Pegou um pé (ou seria um remate?). O tempo cobrira a madeira com uma pátina escura e impenetrável que não conseguiu retirar nem arranhando com a unha do polegar.

– Não creio que seja inglesa. Que estilo de entalhe você acha que pode ser? – Mary se inclinou perto dele, mostrando uma peça que tinha uma

*image
not
available*

Um lado da cama cedeu sob seu peso, virando o colchão e o arremessando ao chão.

Mary permaneceu absolutamente imóvel e calada. Sebastian ficou encarando o teto.

– Vá em frente. Diga.

– Dizer o quê?

– Eu sei o que você está pensando. Melhor colocar para fora.

– Não sei do que você está falando – ela mentiu.

– Sim, você sabe.

– Vamos descer e vou preparar um chá.

– Pelo amor de Deus, Mary. Eu sei que está na ponta da sua língua.

Diga logo de uma vez.

– Eu não...

– *Diga!*

– Eu avisei! – ela gritou. – É isso que você quer ouvir? Eu avisei que isso ia acontecer. Avisei que você estava montando do jeito errado. EU AVISEI!

Sebastian encarou o teto, engolindo sua fúria em silêncio. Mary, no entanto, tinha apenas começado.

– Eu queria traçar um plano, mas não. Você não precisa de um plano, já montou milhares de camas, sabe exatamente como as peças se encaixam. Porque você, como todos os homens, tem o dom mágico da montagem de móveis enfiado na bunda! – Apontou para as tábuas não utilizadas. – *Excedentes?* Você está mesmo me dizendo que artesãos suecos do século XVI fabricavam peças *excedentes*?

Sebastian finalmente colocou-se de pé:

– Eu – apontando o dedo para o próprio peito – avisei você – apontando o dedo para Mary – que deveríamos ir para Ramsgate. Onde eles *já têm* camas. Camas montadas. Camas confortáveis. Camas em quartos bem guarnecidos só esperando para serem utilizadas.

– Eu não quero ir para Ramsgate!

– Sim, você já disse. Está determinada a evitar fofocas. Que Deus a livre de ser vista em público comigo.

– O quê? – Ela teve um sobressalto.

– Afinal, você poderia ter se casado com Giles Perry, o filho de um advogado com uma promissora carreira política. Em vez disso, está com o famigerado Lorde Byrne. Aquele que suja as mãos no comércio, porque seu

*image
not
available*

Ela parou para recolher mais uma conchinha, examinando-a entre os dedos. Insatisfeita, desfez-se dela.

– Imagine se eu tivesse me casado com Giles... eu seria: “*Mary Perry, quite contrary*”. Que horror!

– Horrroso, de fato – ele fez uma careta. – Por que aceitou a proposta de Perry se não o amava?

– Ponderando as aspirações políticas de Giles, disse a mim mesma que poderia executar boas ações no papel de sua esposa. Foi antes de compreender que ele era motivado apenas pela ambição e não tinha intenções reais de servir ao povo. Eu teria enlouquecido, tentando segurar minha língua e sendo obrigada a apoiar suas posições políticas insossas sem poder expressar minha opinião. Estou tão aliviada por não ter me casado com ele.

– Está mesmo?

– Sim. Na verdade, estou mais do que aliviada, estou feliz.

Feliz.

Essa palavra fazia o cérebro de Sebastian girar.

Naturalmente, ele concordava com a avaliação de que Mary e Perry teriam sido um casal desastroso. Sabia desde o princípio. Guardadas as diferenças de opinião, o homem simplesmente não era bom o bastante para ela.

Seria possível, todavia, que estivesse realmente *feliz* após ter sido largada?

Era demais para acreditar. Na melhor das hipóteses, ela estava apenas lambendo as feridas, tentando se convencer de que tinha sido melhor assim para aliviar o sofrimento.

Com o tempo, ele faria tudo o que estivesse a seu alcance para fazê-la feliz de verdade.

– Tenho algo para você – ele enfiou a mão no bolso do peito, procurando a pequena lembrança. – Trouxe da vila, mas me esqueci de entregar mais cedo quando...

– Nos excedemos? – Ela arqueou as sobrancelhas.

– Exatamente – ele deu um sorrisinho. – Enquanto aguardava na forja com Shadow, pedi que o ferreiro fizesse isto. – Pegou o pequeno círculo de prata polida e o colocou na palma dela. – É apenas temporário.

*image
not
available*

Mary postou-se atrás dele enquanto Sebastian ia cumprimentar o cocheiro. Juntos, os dois homens descarregaram um baú de trás da carruagem. Sebastian o levou para dentro, destrancou os ferrolhos e o abriu.

– Que milagre. Agora estou em posse de camisas limpas, lâmina e sabão de barbear, pó dental... Todas as necessidades modernas de uma vida civilizada. – E acrescentou: – E nós temos uma carruagem com cocheiro. Podemos ir aonde você quiser. Se Ramsgate não lhe agrada, escolha o destino de sua preferência. Bath. O vale de Wye. O Distrito dos Lagos. Cotswolds. Ora, por que não Paris?

Mary riu diante da última sugestão. Por dentro, seus sentimentos eram conflitantes.

Estava ficando sem desculpas para permanecer no chalé. Adorou o lugar, mas precisava admitir que amaria após alguns meses de reformas e reparos e uma bela faxina. E, para ser honesta, sempre quisera visitar Cotswolds.

No entanto, queria mais do que tudo impedir que Sebastian se afastasse. Ele havia deixado claro que se sentia impelido pela honra a guardar um irracional e indefinido período de espera antes de consumarem o casamento. E, mesmo assim, acabara de confessar que a desejava.

Você me faz arder de desejo.

Um arrepio a percorreu dos pés à cabeça.

Conhecendo Sebastian bem como conhecia, Mary podia adivinhar facilmente que tipo de sacrifício ele se impusera para ficar em paz com a própria consciência. Ele a manteria distante sempre que pudesse. Dormiria em camas separadas. Passaria o tempo em atividades diferentes das dela. Mergulharia em qualquer trabalho que pudesse encontrar.

– Não podemos sair antes do jantar – ela disse enfim. – Dick e Fanny ficarão muito magoados depois de todo o trabalho que tiveram.

– Bem, os cavalos também precisam se refrescar e serem alimentados.

Mary reuniu toda sua coragem:

– Agora você está em posse de um traje de noite. E eu tenho um baú cheio de vestidos que nunca tive a chance de usar. Já que o Sr. e a Sra. Cross nos prometeram um jantar formal, por que não nos vestimos de acordo?

– Como queira – ele coçou a mandíbula. – De todo modo, preciso tomar um banho e me barbear. Podemos combinar jantar em uma hora,

*image
not
available*

que o chalé tinha a oferecer.

Por favor, que isso funcione.

O vestido parecia ter sido um bom começo. Se Dick e Fanny tivessem preparado um jantar minimamente romântico, e se dobrasse Sebastian com algumas taças de vinho, talvez ele baixasse aquela guarda de dever e lealdade descabida apenas por uma noite.

Na lateral do cômodo, Dick estava empertigado como uma vareta, com um guardanapo um tanto esfarrapado sobre o antebraço esquerdo. Seu casaco estava abotoado e ele havia amarrado um cachecol em volta do pescoço fazendo as vezes de peitilho. Uma risca dividia seu cabelo em metades desiguais – com exceção do redemoinho que balançava ao menor movimento. Ele fez uma profunda mesura.

– Milorde. Milady.

– Boa noite, Sr. Cross – Mary cumprimentou, enquanto Sebastian a ajudava a se acomodar em seu assento. – Tudo está adorável. Você e a Sra. Cross devem ter trabalhado arduamente.

– Sim, senhora – Dick serviu vinho em suas taças. – Mas não temos medo de trabalho duro, milady. Nunca que vossas senhorias vão encontrar servos tão dedicados que nem eu e minha Fanny.

Sebastian pegou seu cálice, visivelmente pressentindo o tema do jantar que se desenrolaria: *Cento e uma razões para não demitir o seu caseiro.*

Dick trouxe uma terrina coberta por um guardanapo de linho.

– O primeiro prato, milorde e milady. Sopa de ranho.

– Sopa do *quê?* – Sebastian ecoou.

– Ranho – Dick serviu uma concha no prato de Mary.

Mary olhou para o gorduroso caldo. Então cruzou o olhar curioso com o de Sebastian e encolheu os ombros em resposta. *Não faço a menor ideia.*

– Faz sentido mesmo não, milorde. Mas a mulher disse que hoje é tudo francês. – Ele fez um aceno debochado. – *Tré tré chique!*

Assim que ele se retirou, Sebastian remexeu o caldo em seu prato, analisando o conteúdo.

Miúdos, ou, como os franceses costumam chamar, *rognon.*

– Oh, minha nossa... – Mary cobriu a boca com a mão – Isso não é um bom presságio...

– Vamos só comer – Sebastian levantou o talher e sorveu uma colherada, então o devolveu ao prato. – Pensando bem, melhor não comer.

*image
not
available*

Capítulo 9



Não, Sebastian pensou consigo mesmo.

Não, o problema definitivamente não estava resolvido. Seu problema estava crescendo segundo a segundo, ficando duro contra a braguilha de suas calças.

– Não brinque com fogo – ele avisou, mantendo uma distância segura de alguns passos. – Se não quer se queimar...

– Eu quero me queimar – caminhou até ele, pegou sua mão e colocou sobre seu seio. – Eu quero você!

Pronto.

Resistência, derrubada. Discussão, terminada. Decisão, tomada.

Havia um limite de tentação que um homem podia suportar de uma mulher que fora o centro de todas as suas fantasias mais tórridas. Se ela o queria, ela o teria. Cada centímetro latejante.

Pegou-a no colo e a ergueu, Mary enroscou suas pernas ao redor de seus quadris e então Sebastian a levou para a cama.

– Espere – ela disse. – Tem certeza de que vai nos aguentar?

Em resposta, ele simplesmente se jogou no colchão com ela. Mary ficou tensa e prendeu a respiração. Quando a cama não sucumbiu, ele arqueou

*image
not
available*

Natais passei na sua casa porque meu próprio pai se esqueceu de ir me buscar na escola?

– Não sei, mas sempre ficamos felizes de ter você conosco.

– Vocês tinham pena de mim. A pior parte é que já esperavam minha presença, todo ano. Sempre um lugar posto à mesa, pequenos presentes embrulhados para mim. Pacotes de doces, iscas de pesca. Sempre achei que vocês pegavam algum artigo aleatório da casa para me dar de presente, para eu não me sentir excluído. Até o ano em que você tricou um cachecol para mim. Você provavelmente não se lembra.

– Claro que lembro. Fiz um para Henry também.

– Eu ainda o tenho, sabia?! Listrado de azul e dourado, as cores de minha casa na escola. Só então eu finalmente entendi. Um cachecol com as cores da minha casa não poderia ter sido feito em cima da hora. Você o tricou com antecedência, embrulhou e o deixou à minha espera.

– Sebastian...

– Você sabia. Vocês todos sabiam aquilo em que eu não queria acreditar. Que as desculpas de meu pai eram invenções, e que as promessas eram vazias. Ele jamais manteria a palavra de vir me buscar, mas eu nunca me dei conta... – Ele esfregou a mão no rosto – Nunca me senti tão estúpido.

– Você não deveria se sentir estúpido – Mary se sentou na cama. – Você era um menino que queria acreditar no pai. Não há vergonha alguma nisso; sinto muito que ele nunca tenha cumprido as promessas que fez.

– Você nem imagina como dói o tombo da esperança até a decepção. É como ser arrastado por uma carruagem. Chega uma hora que seu espírito está simplesmente dilacerado. Não vou fazer uma criança passar por isso. – Ele olhou bem no fundo dos olhos dela. – Você me entende?

Mary confirmou que sim.

– Portanto, não basta para mim simplesmente conceber um herdeiro e pronto. Eu quero ser um bom pai. Estar presente em todos os Natais e aniversários. Ensinar nossos filhos a cavalgar e a pescar, fazer curativos em seus machucados, colocá-los na cama para dormir. Sei que é mais do que fiz você acreditar quando fugimos. Eu fui egoísta, porque sabia que se tivesse qualquer chance de construir essa vida, teria de ser com você. Se não fosse por você, Henry e seu pai, eu não saberia como é ter uma família.

*image
not
available*

Capítulo 10



Eles acordaram com o som de pancadas na porta da frente do chalé. Mary sentou-se na cama:

– Mas quem diabos poderia ser a essa hora? Decerto não é Dick nem Fanny.

– Com certeza não é Dick nem Fanny – Sebastian riu com deboche. – Eles jamais bateriam na porta.

– Bem observado.

– Seja lá quem for, parece ter ido embora – ele disse um minuto depois. – Vamos voltar a dormir.

– Não sei se consigo voltar a dormir. Não depois de ter sido acordada de repente.

– Bem, nesse caso... – Ele deslizou o braço ao redor dela, puxando-a para junto de si. – creio que podemos nos entreter de outra maneira.

As pancadas recomeçaram. Resmungando, Sebastian rolou a cabeça no travesseiro.

– Fique aqui. Vou ver quem é.

Com um beijo suave nos lábios dela, levantou-se e enfiou as calças. Pescou a camisa do chão e a vestiu, então alcançou a vela e se arrastou

*image
not
available*

– Você pode oferecer quantas explicações quiser, mas não há desculpa para isso.

– Você pode pelo menos me ouvir?

Não, ele iria falar primeiro.

– Você mentiu para mim! Me fez acreditar que estava abandonada, sozinha, vulnerável. Quando Henry e eu fomos para a guerra, prometi que te protegeria se ele não retornasse. Passei os últimos dias me torturando, sabendo que honrei a promessa de te proteger o melhor que pude, mas ao mesmo tempo acreditando que tinha sido às custas da sua felicidade. Agora descubro que tudo não passava de um engodo. O que mais nisso tudo é mentira?

– Mais nada, eu juro. Todo o resto é verdade – ela se aproximou. – Sei que menti sobre ter sido abandonada. Foi errado da minha parte. Mas se você se importa comigo, e quer construir uma família juntos... É tão terrível assim saber que foi você que eu sempre amei?

– Não sei se posso acreditar nisso agora.

Mal pôde acreditar nessas palavras quando as ouviu pela primeira vez. Por que diabos deveria aceitá-las agora?

– Você acha que eu mentiria para você? Sobre o dia em que fiquei sabendo da morte do meu próprio irmão? – A voz dela estava embargada de emoção. – Se o conceito que você tem de mim é tão baixo, podemos anular o casamento. Ninguém mais sabe, exceto o cocheiro e Giles. E Dick e Fanny, mas para quem eles iriam contar?

– A Igreja sabe. Eu sei. Nós fizemos votos. Nós... – ele gesticulou impaciente – ...consumamos o casamento.

Ora, quem diria. Ele estava usando um termo técnico por conta própria.

– Um casamento pode ser anulado sob alegação de fraude – ela disse. – Se você fizer tal arguição, não vou me opor.

– Oh, uma ova que vou anular este casamento. Você não vai se livrar assim tão facilmente. – Sebastian inspirou fundo, tentando se controlar. – Estou longe de ser um homem perfeito, mas, se tem algo que prezo acima de tudo, é o fato de que sempre cumpro minhas promessas.

– Eu sei.

– Exatamente, Mary. Você sabe. Você *sabe*. E usou isso contra mim.

Ela abaixou a cabeça, concordando em silêncio.

– Você tem razão. Eu usei. Agora entendo... E é imperdoável.

*image
not
available*

Epilogo



– Saia da frente da janela, querido – Mary pediu. – Você está deixando marquinhos de nariz em todo o vidro.

Henry fez um bico.

– Você disse que o papai voltaria a tempo para o chá.

– E ele voltará. Ele prometeu, e seu pai sempre cumpre suas promessas.

Mary também estava ansiosa pela chegada de Sebastian. Cuidar dos quatro filhos na ausência dele tinha deixado seus nervos à flor da pele. Quando estavam em Londres, ou na Byrne Hall, ela contava com a ajuda de uma ama, mas quando vinham passar as férias anuais ali no chalé, gostavam de ir apenas em família. Com a adição de Dick e Fanny Cross, é claro.

Trocou Molly, a caçula, de braço e limpou a baba do rostinho redondo. A coitadinha tinha um novo dentinho nascendo. William, pelo menos, tinha subido para tirar uma soneca, mas Jane e Henry não davam um minuto de sossego.

Um dia, Mary concluiria sua mais recente e estridente carta ao editor do *The Times* – mas não seria hoje.

– Acho que o papai vai se atrasar – disse Jane.

*image
not
available*

Duquesa por um dia



CHRISTI CALDWELL

*image
not
available*

– Acha que ele a matou?

– Não vi – ela balançou a cabeça. – Reparei que a aranha estava se mexendo de um jeito muito estranho e só então percebi que estava morta e que a formiga era responsável por aquele movimento.

– Incrível – Crispin murmurou.

Ela encarou novamente o amigo para dizer... algo sobre a descoberta, mas esqueceu o que era. Todos seus pensamentos se perderam.

Aos 11 — quase 12 — anos de idade, Elizabeth nunca havia prestado muita atenção em Crispin... ou em qualquer outro garoto. Não desse jeito. Garotos eram... bem, eram só garotos. Assim como garotas eram garotas. E, com exceção da curiosidade sobre as diferenças físicas entre meninos e meninas, nunca havia se atentado para o fato de que Crispin era realmente bem... bonito.

Claro que se tratava de uma descoberta puramente científica. Seu cabelo era tão escuro; preto como o carvão que, certa vez, tinha sido objeto de seus experimentos. O nariz era similar ao das estátuas de mármore que ela admirava no jardim do duque. As estátuas nuas do duque.

Fez uma careta. Claro que já tinha visto Crispin pelado várias vezes quando nadavam juntos. E nem de longe era bonito ou fascinante. Mas o rosto era.

– Ela precisa de um nome – Crispin dizia.

– Sim. *Ele* precisa. – Como era do costume dos dois, o objeto de seus estudos eram todos devidamente nomeados e classificados para propósitos científicos.

Crispin virou a cabeça tão de repente, que seus narizes quase roçaram.

– Por que tem tanta certeza de que é um macho?

– Eu... – Ela abriu a boca, mas as palavras não saíram. Afinal, sua primeira e imediata hipótese tinha sido mesmo de que a formiga era um macho.

– Trata-se de um espécime engenhoso, habilidoso e focado – ele abriu um sorriso vagaroso. – Eu poderia muito bem estar descrevendo *você*, Elizabeth Brightly.

Um sorriso se formou em seus lábios e Elizabeth deu um empurrãozinho com o ombro.

– Está zombando de mim.

*image
not
available*

26 anos, no entanto, e sozinha há mais anos do que qualquer pessoa deveria estar, era preciso muito mais para abalar suas estruturas.

– O que foi que disse? – ela desafiou, a notável frieza de seu tom irremediavelmente arruinada conforme os óculos de aros finos escorriam pelo nariz.

As demais jovens sentadas ao lado da insolente habitual, Lady Claire Moore, ficaram em silêncio, baixando o olhar para o colo.

Filha de um duque e afilhada da rainha, Lady Claire tinha um comportamento indiferente com o qual todos os instrutores da Sra. Belden e até a própria diretora, que era uma megera, não conseguiam lidar.

– Ca-sa-men-to – disse lentamente a aluna de 17 anos, enfatizando cada sílaba.

A garota ao seu lado deu uma risadinha, mas logo abafou o riso.

Lady Claire mediu Elizabeth da cabeça aos pés, mantendo o foco na saia cinza. Saia esta que era grande demais para sua estatura pequena e a deixava um tanto disforme.

– Perguntei como é que *you* poderia nos ensinar a encontrar um marido.

Não poderia. Elizabeth não era tão tola a ponto de acreditar que sabia algo sobre paquerar ou seduzir... quem quer que fosse.

– Silêncio. Não seja inconveniente! – Lady Nora saiu em uma defesa chocante. Afinal, havia uma espécie de acordo, tácito ou não, de que ninguém defendia os dragões.

– Você a está defendendo? Um dos dragões? – Lady Claire gracejou. – Se bem que, agora que seus pais morreram e seu irmão só quer saber de correr atrás de rabos de saia, você decerto será o próximo drag...

Levantando-se de um pulo, Lady Nora atirou-se sobre a outra moça.

Ai, caramba!

Elizabeth avançou e rapidamente se colocou entre as duas.

– Já basta – interveio em um tom perfeitamente modulado.

Tinha aprendido desde cedo que gritar surtia pouco efeito em estudantes teimosas. O mesmo para aulas em que os ânimos estão acalorados. Se alguém realmente desejava interferir em uma situação tensa, era melhor fazê-lo com calma.

Lady Nora recuou imediatamente, mas pairou ao lado da outra garota. Uma Lady Claire trêmula e mortificada se afundou em seu assento.

*image
not
available*

O livro escapou dos dedos de Elizabeth, aterrissando de lombada com um baque indignado. Ela tentou engolir, tentou respirar, mas foi incapaz de um ou de ambos. Pois estava errada. Pela primeira vez, a diretora não era a figura mais perigosa do recinto.

Um par de brilhantes olhos azuis mais do que ligeiramente zombeteiros encontrou os dela. Sempre foram brilhantes. Quando ele era um garoto de 12 anos, empenhado em atormentar a vida dos pais com suas travessuras, e quando já era o homem que atirou pedras na janela dela para incentivá-la a estudar as estrelas.

Nove anos depois e vários quilos a mais, o cavalheiro à sua frente era maior, mais musculoso, mais poderoso... mais tudo o que ele era da última vez em que o viu.

Ele deu uma piscadela para ela. Elizabeth cambaleou para trás.

Mas o movimento foi tão súbito e sua cabeça foi para trás com tanta força que seus óculos caíram do nariz. A armação de aros caiu sobre o detestável livro aos seus pés e depois tilintou ruidosamente pelo piso de madeira.

– Senhoritas, por favor, levantem-se para receber nossa distinta visita! – ordenou a Sra. Belden, batendo a bengala daquela maneira decisiva que marcava suas palavras, as quais não deviam ser questionadas. Todas as jovens se colocaram de pé.

Como se alguém *ousasse* desafiar a dragão.

Exceto agora... agora... O coração de Elizabeth batia violentamente enquanto ela cogitava sair pela janela no canto oposto da sala. Apertou os olhos, os rostos diante de si estavam embaçados e o cômodo era um caleidoscópio de imagens difusas enquanto tentava achar seus óculos. Não era possível, só podia ter imaginado. É claro que não pensava nele desde que a última seção de escândalos do jornal havia sido repassada entre as outras dragões na desesperada necessidade de ler algo além dos livros tediosos sobre boas maneiras.

Ajoelhou-se, tateando, porque obviamente não tinha visto direito. Decerto o tinha imaginado. Tinha certeza...

Oh, inferno! Precisava encontrar seus malditos óculos.

As tábuas do assoalho rangeram sob o peso de passos que se aproximavam. Não os passos afetados e calculados da Sra. Belden, mas sim, passos intrépidos, firmes, determinados e um tanto quanto masculinos.

*image
not
available*

– Não! – Elizabeth chiou, disparando entre as meninas que começavam a sair da sala. – Vocês não precisam se retirar. Sua Graça já está de saída.

– Não, não estou – Crispin falou, jogando por terra a jovial afirmação de Elizabeth.

Ela disparou um olhar fulminante a ele, do tipo que sua própria mãe, a assustadora duquesa viúva, jamais havia conseguido. No entanto, quando um duque falava, o mundo obedecia, assim como as damas que se retiravam sem demora.

E, no momento seguinte, Crispin se viu sozinho com Elizabeth.

– Olá, duquesa.

– *Pare* de me chamar assim, Vossa Graça – ela sussurrou, se virando para a porta aberta.

Sim, sem dúvida, a diretora estava ouvindo do lado de fora. Elizabeth colocou a cabeça para fora.

– Minhas desculpas – a diretora guinchou, batendo em retirada.

Quando seus passos ficaram distantes, Elizabeth fechou a porta e se virou para encará-lo.

– Você precisa ir embora. Agora. – Ela continuou falando apressadamente, sem permitir que ele dissesse nada. – Aliás, não deveria nem ter vindo. *Por que* está aqui?

E isso os trouxe à razão de Crispin estar ali. Ele endireitou a postura de seu repouso negligente.

– Sabia que você é a única mulher em toda a Inglaterra que rejeita a vida de uma duquesa para viver uma vida de labuta?

Vários sulcos vincaram o espaço entre as sobrancelhas dela.

– Eu não vivo uma vida de labuta – declarou, num tom ligeiramente defensivo que, corroborado por seus olhos e pela miserável saia cinzenta, fazia dela uma mentirosa.

– É mesmo? – ele disse com a voz arrastada, se aproximando devagar. – Nove anos podem ter se passado desde a última vez que nos vimos, mas já éramos amigos há muito mais tempo que isso. – Parou quando estavam separados apenas pelo espaço de uma mão. – Esta é a sua revelação, amor. – Então colocou a ponta do dedo indicador entre as sobrancelhas dela para desfazer o cenho franzido.

Boquiaberta, Elizabeth tropeçou ao tentar se desvencilhar de seu toque. O que também foi uma novidade para um duque que sempre teve todas as

*image
not
available*

Elizabeth cruzou os braços. Estaria aborrecida com sua presença? Com seu falatório? Com toda a situação?

– Bem, tenho recebido a atenção de muitas mulheres.

– Puxa, que pesadelo para você – ela declarou, inexpressiva. E seus óculos escorregaram pela ponte do nariz.

Crispin ficou imóvel. Era a mesma armação de aros que ela usava quando se viram quase dez anos antes. O fato de Elizabeth ainda usar o mesmo par era um detalhe sem importância. Ou deveria ter sido.

Ele fechou a cara. Porque não era. Era um relato material da situação de Elizabeth nos últimos anos. Notando o escrutínio, ela recolocou os óculos de volta no lugar e empinou o nariz desafiadoramente.

Pela primeira vez, Crispin reparou nos detalhes que haviam escapado até então: a hedionda saia cinza que pendia, disforme, de seu corpo delicado. O coque baixo, severo, que nunca poderia domar os cachos vermelhos frisados. Ela *deveria* estar vestida com trajes adequados para alguém que era quase da realeza, como ela era de fato. A ideia de que havia passado todos esses anos sem nada disso, optando por uma vida de trabalho em vez de uma vida ao lado dele lhe causou uma sensação estranha no peito.

Afinal, eles eram amigos, e se essa era a vida que tinha escolhido... Elizabeth sempre fora mais orgulhosa do que a maioria, mais até do que ele. Mais do que qualquer pessoa que ele conheceu em seus 30 anos. Ele limpou a garganta:

– Como eu estava dizendo...

– Seu problema matrimonial.

– Eu só tive um problema matrimonial – ele murmurou. E tinha sido aquela desafortada diante de si.

– Ah... – Um brilho de entendimento iluminou a feição de Elizabeth. – Entendi.

– Entendeu? – Crispin franziu a testa. Mas é claro. Desde que a conheceu, ela esteve sempre com a cabeça enfiada em algum livro. Sempre foi esperta o suficiente para ver tudo.

O primeiro vestígio de ansiedade que ele capturou em seu expressivo olhar verde-musgo se acentuou. Ela navegou em um zumbido de saias altas e farfalhantes.

*image
not
available*

– Não há nada errado com o nome Terry – ela argumentou, tensa, odiando o modo como Crispin ainda abalava seu equilíbrio. Por isso era mais fácil discutir com ele por causa de um nome do que por suas intenções em relação a ela. Como ele ousava subverter sua existência frágil, mas estável, e permanecer tão irritantemente calmo?

Crispin parou no extremo oposto do sofá e apoiou as mãos na guarnição de mogno trabalhado.

– Não – ele admitiu. – O nome de solteira de sua mãe era Terry. Você sempre foi Brightly.

É um nome esplêndido para uma garota com o seu espírito, Elizabeth. Outro sussurro da lembrança de um amigo que um dia achou uma estranha e desajeitada garota do campo tão especial quanto ela o achava.

Eles, no entanto, destruíram juntos aquele vínculo especial. Ela era tão culpada quanto Crispin.

– O que você quer, Vossa Graça? – indagou com calma, invocando o distinto título como um lembrete da barreira que existia entre ambos. Exceto que foi um aviso dado tarde demais. Eles haviam seguido por um caminho que não podia ser simplesmente desfeito...

– Tsc, tsc... – ele se endireitou. – Como marido e mulher, nunca imaginei que seríamos um casal que se dirige um ao outro usando títulos e sobrenomes.

– Não somos marido e mulher. – Elizabeth balançou a cabeça e levantou um dedo. – Não de verdade. – Para Crispin, ela sempre tinha sido Elizabeth, sua boa companheira. *Eu que sempre ansiei por algo a mais...* – Um casamento é consumado por meio da relação sexual. – Ele engasgou de espanto e sua inquietação ajudou Elizabeth a reencontrar o próprio equilíbrio. – E considerando que jamais houve penetração de seu pêni...

Vermelho até as orelhas, Crispin estendeu o braço abruptamente e cobriu a boca de Elizabeth com a mão, abafando o restante daquela palavra. Olhou para a porta e depois se voltou para Elizabeth.

– Isso já é suficiente.

– O quê?

Então quer dizer que ele realmente havia se tornado um duque em todos os sentidos. Era uma imagem que não se encaixava com o cafajeste descrito nas colunas de fofocas que chegavam a Surrey. Mas, pensando bem, essa transformação também era inevitável. Duques podiam até ser

*image
not
available*

– É essencial que a Alta Sociedade veja que sou casado, que você realmente existe, e depois? – Ele esquadrinhou a sala com o olhar. – Depois você pode voltar à sua vida de sempre.

Como ele era superficial. Um duque julgando aquele lugar e a vida que ela havia construído para si. Nesse caso, não conseguia descobrir o que a machucava mais.

– Entendo... – ela disse enfim, incapaz de conter a amargura.

Crispin não queria se casar com ela. Nunca quis de verdade.

Ele era seu amigo, Elizabeth, e você o traiu. Você colocou suas próprias necessidades e vontades acima dele...

Sim, o casamento dos dois fora baseado apenas em caridade e *amizade*.

– Podemos conversar? – Crispin apontou para o sofá marfim, como se fosse o próprio dono dele. – Por favor?

Por favor.

Era por isso que, na infância e na adolescência, ele sempre tinha sido seu amigo. Crispin não era um daqueles garotos insuportáveis que se deleitavam com o poder que lhes era concedido como herdeiro de um ducado. Não foi criado para acreditar que o mundo devia se curvar às suas vontades e desejos. E, mesmo depois de todos esses anos, agora como um duque que poderia pedir tudo o que houvesse sob o sol para satisfazer seus prazeres, ele não tinha mudado. E teria sido tão mais fácil se tivesse. Cerrando os punhos, Elizabeth deslizou para a beira do assento.

Crispin puxou a velha poltrona estilo Rei Louis e, agarrando-a pelos lados, posicionou-a para que ficassem frente a frente; sua poderosa figura fazia o assento parecer bem menor.

– Como eu estava dizendo, desde a morte do meu pai, eu me vejo... – ele fez uma careta.

– Sendo cortejado por mulheres em todos os cantos? – ela completou.

Quando jovem, ele já despertava suspiros em todas as garotas da vila. No entanto, sempre preferiu a companhia dela. Mesmo agora, isso fazia seu coração transbordar de uma boba alegria. A Esquisitona de Oxfordshire, era assim que o povo do vilarejo a chamava. Até que seu relacionamento com Crispin calou a boca de todos.

– Praticamente em toda parte – ele murmurou, um tanto modesto, remexendo no imaculado peitilho branco e engomado de sua camisa. – E nunca pelas razões que realmente importam...

*image
not
available*

Capítulo 4



Elizabeth Terry-Brightly, ou seja lá que sobrenome ela usava agora, não era em nada a garota de quem ele se lembrava... e, no entanto, ao mesmo tempo, era em tudo como ela.

Algo, todavia, era evidente – a bandida estava se divertindo um bocado às suas custas.

Ela poderia até ter se tornado mestra em dissimulação no tempo que havia passado, mas o regozijo que ela sentia com seu desconforto estava presente em cada alfinetada bem dada que, com inteligência, ela disfarçava de pergunta.

Crispin se forçou a parar, encarando-a mais uma vez.

Mais de trinta centímetros mais baixa que ele, que tinha pouco mais de um metro e noventa, e sentada como estava, ela ainda conseguia olhar para ele de cima, empinando o nariz que era um pouquinho longo demais. Ousada. Desafiadora. E, em certa medida, também provocativa. Sempre tinha sido assim.

– Ganhei a reputação de um canalha – ele confessou sem rodeios.

Outro cavalheiro provavelmente sentiria algum remorso ou arrependimento ao fazer tal confissão à esposa. Apesar de todas as fofocas,

*image
not
available*

– E há os arranjos florais; precisamos de vasos plantados e flores naturais dos seus jardins.

Pousando as luvas, Crispin pegou o pequeno volume de couro que repousava sobre a mesa entre eles. Analisou brevemente as letras douradas gravadas na lombada e depois folheou o tomo, se atentando aos títulos das seções.

Comportamento...

Decoro...

Conduta...

Borboletas são polimórficas, sabia? Uma habilidade e tanto para despistar seus predadores. Use essa estratégia com sabedoria no próximo piquenique de sua mãe...

– Como o conteúdo de suas leituras e de seu conhecimento mudou Crispin murmurou.

Elizabeth evitou olhar para Crispin, fixando-se, em vez disso, no pedaço de *nonsense* literário que seria mais bem aproveitado como lenha para o fogo.

– Dada a motivação de sua visita repentina, me parece que há, e sempre houve, mais relevância para essas informações – ela apontou para o título que ele ainda segurava – do que para qualquer fato inútil sobre borboletas.

O golpe o acertou em cheio. Será que ela acreditava mesmo nisso? Ou será que isso era o que a jovem inteligente que lia revistas científicas e periódicos dizia a si mesma para aliviar a perda dos tópicos que tanto a fascinavam? Estava com a pergunta na ponta da língua, mas algo na tensão dos lábios de Elizabeth o fez desistir de qualquer questionamento.

Crispin os redirecionou a um território mais seguro:

– O baile já foi planejado, Elizabeth. – A mãe dele, uma das principais damas da sociedade, aproveitou a oportunidade para planejar tudo, até descobrir as razões do evento. – No momento em que obtive a confirmação de seu paradeiro, tomei a liberdade de organizar a cerimônia e despachar os convites.

– Então você já estava dando a minha presença como garantida? – ela quis saber, com os olhos pegando fogo.

Não. Crispin nunca sabia exatamente o que Elizabeth Brightly, tão imprevisível quanto uma folha de outono serpenteando no ar, diria... ou faria. Sua imprevisibilidade foi uma das características que mais o

*image
not
available*

mais tarde, e que já havia passado da hora. Um casal não podia simplesmente se casar e depois... se desligar. Não sem consequências e não sem algum desfecho. Em especial quando o herdeiro de um ducado estava envolvido.

Só que ele não era mais um herdeiro. Crispin Ferguson era um duque de fato, nascido e criado para o papel. Ele exalava aquela confiança e aura de autoridade manifestada apenas por reis e aqueles que lhe são mais próximos em posição e privilégio.

E nem todos os duques eram franzinos e, no tempo que passaram separados, Crispin tinha... mudado. Seu físico magrelo ganhara músculos e ele irradiava uma energia primitiva com a qual ela não sabia lidar.

Abrindo as cortinas ricamente bordadas, contemplou o modesto solar campestre onde trabalhava como instrutora da escola de boas maneiras. Os jardins e a vegetação ao redor do casarão de pedra conferiam uma vívida pincelada de cor em meio a uma cena melancólica.

A escola isolada acabou sumindo de seu ângulo de visão, deixando apenas o rastro de colinas para trás. Não, essa não era a única visão que tinha pela janela.

Elizabeth apurou a vista, procurando um vislumbre melhor da figura que cavalgava adiante. Seu coração deu um pequeno salto.

Crispin montava, altivo e relaxado, com os ombros largos para trás, um cavaleiro magistral em pleno comando de sua montaria. O olhar fixo no horizonte, atento e à vontade na sela do cavalo castanho.

Isso, no entanto, sempre fora típico de Crispin.

De arco e flecha a esgrima, passando por várias outras modalidades atléticas, ele sempre se saía bem em tudo a que se dedicava. No entanto, quando os meninos da vila e os que vinham de visita às propriedades de sua família estavam engajados em atividades físicas, Crispin preferia ter um livro em mãos. Ele falava fluentemente latim e grego e debatia o complexo conceito de metafísica nessas respectivas línguas com a mesma facilidade com que dominava outras habilidades.

Enquanto Elizabeth sempre tinha sido um desastre em cavalgar ou nadar, ele se destacava em... *tudo*.

Traçando com o dedo um círculo em sentido anti-horário no vidro da janela aquecido pelo sol, foi espiralando a linha central. Seu olhar se fixou na mancha circular.

*image
not
available*

Com um gemido, Elizabeth soltou a cabeça contra o painel da carruagem. Chega, murmurou a si mesma. Nunca fora dessas pessoas que lamentavam o que poderia ter sido. E não era agora que começaria a ser.

E muito menos pelo homem que ele se tornara: um devasso, um canalha, que escandalizava a sociedade por frequentar luxuriosos bailes de máscaras e pela coleção de amantes que havia reunido ao longo dos anos.

Forçando-se a deixar tais pensamentos de lado, Elizabeth pegou sua pesada valise no banco oposto e colocou-a sobre o colo, não sem soltar um grunhido. Lutando penosamente com a trava de latão enferrujada, abriu-a e revirou seu escasso conteúdo.

A arte de dançar com decoro para debutantes.

– Não – murmurou, ignorando o pequeno tomo de couro, procurando entre os outros uma opção melhor de leitura para ocupá-la durante o trajeto.

Reverenciando a Rainha... e outras expressões cerimoniais para saudar a nobreza e a aristocracia.

– Eca! – Fez uma careta, dando voz ao aborrecimento que há muito suprimia na escola da Sra. Belden diante de temas tão miseráveis e títulos tão ridículos. Seus dedos colidiram com *A perícia na dança inglesa*. Elizabeth pegou o exemplar, folheou por alto as páginas e depois o jogou no fundo da mala, onde caiu com um satisfatório baque surdo.

Pela primeira vez desde que Crispin tinha reaparecido e seu mundo saído dos eixos, Elizabeth se viu sorrindo. Fez uma pausa e inspirou profundamente, enchendo os pulmões de ar. Oh, ali estava ela viajando com ele, o canalha que aceitara como marido e que abandonara poucos dias após o casamento e que agora a introduziria na alta sociedade. Teria bastante tempo para ficar horrorizada e inquieta pelo restante do trajeto de carruagem – e então quando chegassem.

E, no entanto, havia algo... de revigorante em tudo isso.

Saindo da Sra. Belden...

Jogou outro livro de lado.

Podia falar consigo mesma se quisesse.

Elizabeth continuou procurando, remexendo na mala.

Não precisava se preocupar se estava quieta ou fazendo barulho demais.

Cantarolando uma canção de *A perícia na dança inglesa*, Elizabeth alcançou o fundo da bolsa e parou, intrigada.